

Encaixando possibilidades: uma proposta pedagógica para o malabarismo com caixas

RESUMO

Recentemente, educadores físicos e artistas atuantes na escola vêm direcionando atenção para o potencial pedagógico do circo e evidenciando a aproximação entre educação corporal e a arte. Diante da amplitude das práticas circenses, contamos com as modalidades de malabarismo com distintos aparelhos, destacando-se claves, bolas e aros. Fundamentadas na manipulação de objetos, essas práticas requerem atenção dos professores, visando o oferecimento de um ensino envolvente, seguro e expressivo. Assim, o presente artigo discute elementos básicos para o ensino do malabarismo com caixas, procurando fomentar essa prática entre os profissionais que se aventuram no ensino da arte circense e que buscam uma educação artístico-estética. Partindo de referenciais teóricos, artísticos e de nossa práxis com pedagogia circense e malabarismo com caixas, acreditamos que essa modalidade possa compor o repertório de profissionais da Educação Física e das Artes e almejamos com essa contribuição que o malabarismo com caixas se torne mais disseminado e acessível.

PALAVRAS-CHAVE: Malabarismo; Circo; Caixas; Pedagogia; Artes

Daniel de Carvalho Lopes

Doutorado em Educação
Universidade de São Paulo, Departamento de
Metodologia do Ensino e Educação Comparada,
São Paulo, Brasil
territio@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2137-2060>

Rodrigo Mallet Duprat

Pós-Doutorado em Educação Física
Universidade Estadual de Campinas,
Departamento de Educação Física e Sociedade,
Campinas, Brasil
mallet.circo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2827-5922>

Fitting possibilities: a pedagogical proposal for juggling boxes

ABSTRACT

Recently, physical educators and artists working at the school have been directing attention to the pedagogical potential of circus and showing a approach between body education and art. In view of the vast repertoire of circus practices, we have the juggling's modalities with different implements, highlighting clubs, balls, hoops. Based on the manipulation, these practices require attention from teachers who are aiming to offer a playful, engaging, safe and expressive teaching. Thus, this article discusses basic elements for teaching cigar box manipulation, seeking to encourage this practice among professionals working in the teaching of circus art and who seek an artistic-aesthetic education. Based on theoretical, artistic and practical references, also in our circus pedagogical praxis and cigar boxes manipulation. We believe that this modality can compose the repertoire for Physical Education and the Arts professionals and we aim that the cigar box manipulation becomes more widespread and accessible.

KEYWORDS: Juggling; Circus; Cigar Boxes; Pedagogy; Arts

Encajando posibilidades: una propuesta pedagógica para hacer malabares con cajas

RESUMEN

Recientemente, los educadores físicos y artistas que trabajan en la escuela están dirigiendo la atención sobre la pedagogía del circo y la aproximación entre la educación corporal y el arte. Dada la amplitud de estas prácticas, contamos con modalidades de malabares con diferentes aparatos como mazas, pelotas y aros. Basadas en la manipulación, estas prácticas requieren la atención de los docentes que buscan una enseñanza lúdica, participativa, segura y expresiva. Así, este artículo discute elementos para la enseñanza de los malabares con cajas, buscando promover esta práctica entre los profesionales que incursionan en la enseñanza del arte circense y que buscan una formación artístico-estética. Partiendo de referentes teóricos, artísticos y de nuestra praxis con la enseñanza y los malabares con cajas, creemos que esta modalidad puede componer el repertorio de los profesionales de la Educación Física y Artes y pretendemos que los malabares con cajas sean más difundidos y accesibles.

PALABRAS-CLAVE: Malabares; Circo; Cajas; Pedagogía; Arte

INTRODUÇÃO

Desde o século XIX, no Brasil, o circo esteve presente em distintos municípios e regiões, itinerando com seus mais diversos espetáculos, saberes artísticos e pedagógicos. Esses coletivos de famílias circenses possibilitaram que essa linguagem fizesse parte da vida de muitas pessoas, levando consigo sua arte, seus sonhos, seus desejos e, principalmente, a maravilhosa habilidade de transformar seres humanos em colossos e heroínas da arte do *corpo espetáculo* (SOARES, 1998).

Não obstante, o circo vem se consolidando nos últimos 40 anos como um campo de estudo e pesquisa de diferentes áreas do conhecimento (ROCHA, 2010). Principalmente a partir da década de 2000, tornou-se um crescente tema abordado por pesquisadores e professores de Educação Física (ONTAÑÓN *et al.*, 2012; 2013; 2016; SANTOS, 2012; XAVIER JÚNIOR e MOURA, 2018; SÁNCHEZ, 2018; COMES *et al.*, 2000). Essa pedagogia das atividades circenses (BORTOLETO *et al.*, 2008; 2010; 2016) destaca um potencial educativo (INVERNÓ, 2003; FOUCHET, 2006) e, em particular, desenvolve “princípios norteadores” (ONTAÑÓN, 2016, p. 134) que podem auxiliar em uma pedagogia circense no âmbito escolar.

Dentre essa expressiva quantidade de publicações direcionadas para a Educação Física, o malabarismo se destaca “pela facilidade de ensino desta modalidade, que é praticada individual ou coletivamente e que normalmente não requer muitos recursos materiais caros ou complexos” (ONTAÑÓN *et al.*, 2013, p. 20). Entretanto, apesar de Ontañón *et al.* (2013) indicar que de um total de 177 textos, apenas 2 trabalhos acadêmicos desenvolveram processos pedagógicos específicos utilizando as caixas de malabares. Dessa forma, podemos considerar que, nos dias atuais, as caixas configuram-se como um dos *tipos* de malabarismo menos trabalhados pedagogicamente e divulgados no Brasil e, portanto, menos conhecido pelo público.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender o que é a modalidade de malabares conhecida como caixas e apresentar um caminho possível de malabareá-las a partir de referenciais teóricos, artísticos, práticos, a exemplo das videoaulas produzidas pelo Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS) da Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (Unicamp), e de nossa práxis acerca da pedagogia circense.

Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica, tendo como base os estudos sistemáticos realizados anteriormente, especificamente, Ontañón *et al.* (2012; 2013; 2016) e Xavier Júnior e Moura (2020), além de estender essa pesquisa aos acervos de bibliotecas diversas e plataformas relacionadas às artes circenses, como o *website* www.circonteúdo.com e www.circusartsresearchplatform.com (*Circus Arts Research Platform - CARP*). Também buscamos

em revistas científicas indexadas (Periódicos Capes, Latindex, Lilacs, Scielo, Medline - Pubmed, entre outros) e realizamos consultas diretas a algumas das principais revistas brasileiras (Motriz, Revista Olhar do Professor, Pensar a Prática, Movimento, RBCE, Licere, etc.) e internacionais (Educación Física y Deportes (Argentina), Revue d'Education Physique EPS (França), Revista Digital de Educación Física Ciencia y Deporte (Espanha), Apunts Educación Física (Espanha), entre outras). Em todas as buscas, utilizamos os seguintes descritores: malabarismo, malabares, circo, atividades circenses e caixas, todos eles nos idiomas português, espanhol e inglês.

A partir desse levantamento pudemos observar a existências de diversas publicações sobre malabarismo. A maioria dos livros são sobre outros equipamentos e técnicas, sendo que apenas alguns poucos mencionam as caixas. Ao mesmo tempo, encontramos uma grande quantidade de tutoriais em vídeos, principalmente no Youtube e Instagram, com diferentes qualidades de gravação, diferentes enfoques pedagógicos e didáticos. Entretanto, para o presente trabalho, tivemos acesso a 4 publicações completas, entre elas, 2 artigos, 1 livro (impresso) e 1 livro (online) que aprofundam aspectos teóricos e práticos das caixas.

Malabares com caixas: percursos históricos

O malabarismo com caixas consiste em realizar variados lançamentos, recepções e equilíbrios utilizando-se de caixas retangulares. Geralmente as caixas são de madeira e ocas, utilizando-se, comumente, três delas como base para a iniciação a essa modalidade. Contudo, vale destacar previamente que é possível também realizar diferentes truques e equilíbrios com uma, duas ou dezenas de caixas.

Figura 1 – Equilíbrio de 22 caixas e um copo de água - Gintaro Mizuhara (1875-1952).



Fonte: <https://www.juggle.org/the-origins-and-history-of-cigar-box-juggling/> (domínio público)

Da mesma forma que acontece com as várias práticas do malabarismo, é muito difícil localizar na história os primeiros indícios da manipulação de caixas, mas é possível ter dimensão de que ela é desenvolvida há alguns séculos e que suas origens estão supostamente ligadas ao Oriente, região em que atualmente encontra-se um número expressivo de malabaristas que dominam suas técnicas.

Um artigo publicado em 1914 pela revista inglesa *Britain's Stand* e escrito pelo malabarista japonês M. Gintaro, citado por Bacon (1997), consiste em uma das poucas publicações que se destina a uma apreciação histórica do malabarismo com caixas ou blocos de madeira. Conforme indica este artigo, a prática surgiu no Japão do século XVII, quando um prisioneiro passou a realizar truques de encaixe e equilíbrio com os blocos de madeira que eram utilizados nas selas como uma espécie de travesseiro para os detentos. O prisioneiro em questão passou a chamar a atenção tanto dos outros detentos quanto das autoridades pelas façanhas que realizava com os blocos, a ponto de conquistar o respeito e admiração dos dirigentes do presídio, que acabaram garantindo sua liberdade e sua nomeação como artista. Apesar desta ser uma explicação difícil de sustentar, uma constatação interessante é a de que atualmente o malabarismo com caixas tem grande expressividade entre japoneses e chineses, a exemplo dos malabaristas Feng Li Yi Xuan (Pineapple) e Tatsuru Someya.

Ainda que não seja possível encontrar indícios mais precisos das origens dessa modalidade, é inquestionável que o malabarismo com caixas obteve destaque na Europa ao longo dos séculos XIX e XX. Segundo Bacon (1997), os malabaristas europeus incorporaram as técnicas de manipulação de caixas e passaram a realizá-las não somente com blocos de madeira, mas com caixas de charuto, muito comuns na época. Por esse fato, tanto essa modalidade de malabarismo quanto os aparelhos empregados para sua realização ficaram popularmente conhecidas como *Cigar Box*.

No decorrer dos anos de mil e oitocentos e ao longo do século XX esse malabarismo se diversificou em estilos e técnicas, sendo exibida em circos, teatros, cabarés e vaudevilles, e com apresentações que variavam de um estilo mais clássico e erudito, em que o malabarista incorporava a figura de um *gentleman*, até um estilo cômico e despojado, criando cenas engraçadas e divertidas. Dentre os malabaristas que se destacaram na manipulação das caixas em diferentes períodos, podemos citar W.C. Field, nos anos de 1910, Kris Kremó, nos anos de 1960, Charlie Brown, nos de 1980, e, atualmente, Eric Bates.

No Brasil, este malabarismo caminha lentamente em comparação com outros aparelhos como as claves, os aros, as bolas e os diabolôs, mas, apesar disso, alguns malabaristas, em especial na região sudeste, têm se destacado nessa técnica de manipulação, a exemplo de Douglas Tangará, Bruno Edson, Lu Mineiro, Éder Giuseppe Farina (Circo Teatro Palombar) e Duba Beker (Cia. Suno).

Caracterização do aparelho

As caixas são geralmente ocas e construídas em madeira, o que garante rigidez e certa leveza ao aparelho. Suas medidas variam de um fabricante para o outro, mas não fogem muito às medidas de 19 cm de comprimento, 13 cm de largura e 6,5 cm de altura. Uma característica essencial e que influencia diretamente na sua manipulação é a de possuir em suas laterais um revestimento que permite certa aderência entre cada uma das caixas. Tal revestimento é uma fibra têxtil constituída de camurça com TNT, contribuindo para que as caixas escorreguem o mínimo possível durante o contato entre elas.

Esses aparelhos são vendidos em lojas especializadas em artigos circenses e possuem cores variadas, um recurso pedagógico muito importante para o ensino e aprendizagem, pois facilita na identificação de cada uma das caixas durante a execução de truques e equilíbrios. Vale mencionar que por serem compostas basicamente por madeira, exigem cuidados durante a manipulação, uma vez que além de seu peso (em torno de 300g), elas são rígidas e apresentam pontas secas que podem gerar contusões caso se choquem com partes do corpo. Em função disso, recomenda-se, quando utilizadas pelas crianças, um espaço adequado e seguro para a prática, com a supervisão de um adulto prevenindo lançamentos aleatórios e/ou com muita força. Também podemos utilizar um colchão ou revestimento acolchoado no chão para amortecer o impacto do aparelho com o solo em caso de quedas, aumentando assim sua integridade e tempo de vida.

Figura 2 – Imagem das caixas



Fonte: Imagem autoral

Outro recurso pedagógico importante que podemos utilizar é a confecção artesanal (LOPES; PARMA, 2016). Dentre as diversas possibilidades, destacamos a utilização de caixas de leite preenchidas com placas de papelão que, devidamente ajustadas em seu interior, proporcionam ao aparelho maior rigidez e melhor equilíbrio no peso, contribuindo para manter suas faces e bordas com menos ondulações e facilitando o contato entre as caixas e, conseqüentemente, a sua manipulação.

Existe ainda diversas outras opções de materiais que podem ser utilizados para a confecção artesanal das caixas como espuma e EVA, materiais esses que oferecem maior segurança durante a manipulação uma vez que são mais leves e maleáveis, sendo mais indicados para comporem caixas que serão utilizadas por crianças pequenas. Vale mencionar que todos estes materiais empregados na construção artesanal das caixas são fáceis de encontrar, geralmente possuem baixo custo e são considerados reutilizáveis.

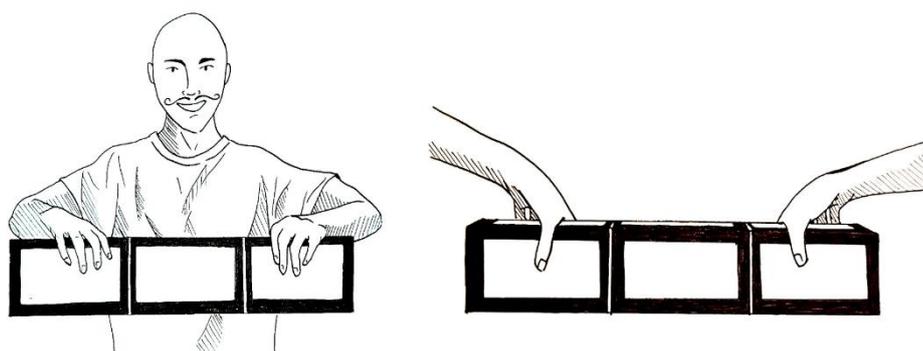
Nesse sentido, destacamos a liberdade para o uso da criatividade no momento da confecção e a possibilidade de adequação do aparelho à faixa etária com a qual se pretende trabalhar. Também é importante mencionar que ao construí-las, podemos repará-las quando necessário ou ainda reinventá-las com novas formas, peso, acabamento, cores e detalhes decorativos, permitindo aos educandos e educadores ajustá-las segundo suas necessidades e conforto.

Manipulando as caixas: aspectos técnicos

No que diz respeito à prática em questão, as caixas possibilitam a realização de diversos equilíbrios, lançamentos e recepções que podem ser executados das mais diferentes maneiras. Durante a manipulação é possível realizar variados encaixes entre elas, trocas de posição, lançamentos (com ou sem giros), encaixes com partes do corpo e mudanças de planos e recepções. Dessa forma, buscamos desenvolver uma pedagogia própria para as caixas, identificando três formas principais de manuseio: lançamento do sistema (3 caixas); equilíbrios e, por fim, manipulação diversa.

O sistema de 3 caixas, o principal padrão utilizado nessa modalidade, pressupõe uma postura básica tanto da organização e orientação das caixas como da posição das mãos sobre elas durante a manipulação. Comumente, com uma ou mais caixas, a orientação básica para o início da manipulação é a de manter a caixa em posição horizontal, segurando-a com a mão em forma de garra pela sua borda superior e com os cotovelos flexionados em aproximadamente 90 graus. Para o jogo com três caixas, a orientação padrão do sistema é a de manter as três caixas pressionadas umas contra as outras na horizontal, orientação esta que geralmente marca o início e o fim de um truque.

Figura 3 – Sistema de 3 caixas

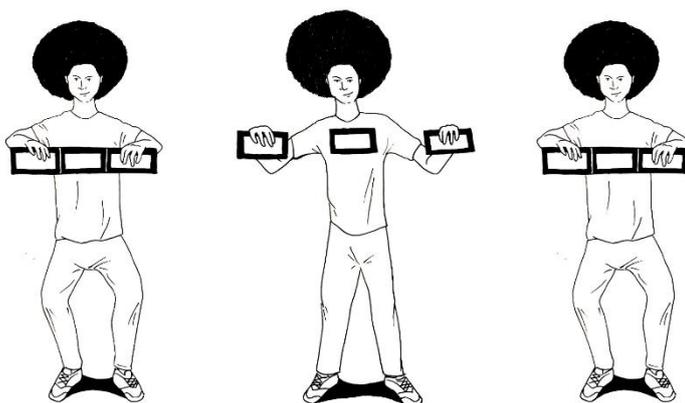


Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

A pressão aplicada entre as caixas é fundamental para manter a estabilidade do sistema de duas, três ou mais caixas, e também é responsável por garantir o efeito atrativo desse malabarismo, que é a impressão de que as caixas se unem por *mágica* ou por um sistema magnético (ímã). Assim, por mais que as caixas sejam lançadas, trocadas de posição ou equilibradas de diferentes formas, o objetivo é o de após uma dessas ações, fazê-las voltar à posição básica.

Uma característica fundamental da manipulação das caixas é a necessidade da utilização do movimento corporal durante sua execução. Por mais que este aparelho seja controlado pelas mãos do malabarista, é por meio da flexão e extensão dos seus joelhos, num movimento ascendente e descendente do corpo, que ele consegue aplicar impulso no lançamento e amortecimento nas recepções, conferindo um ritmo para o jogo. Além disso, adotando essa movimentação, os truques são empregados durante a extensão dos joelhos, ou seja, no movimento de ascensão do corpo e dos braços, e a finalização deles ocorre no momento de flexão dos joelhos, que coincide com o movimento descendente do corpo e dos braços.

Figura 4 – Flexão/Extensão/Flexão de joelhos com afastamento das caixas laterais



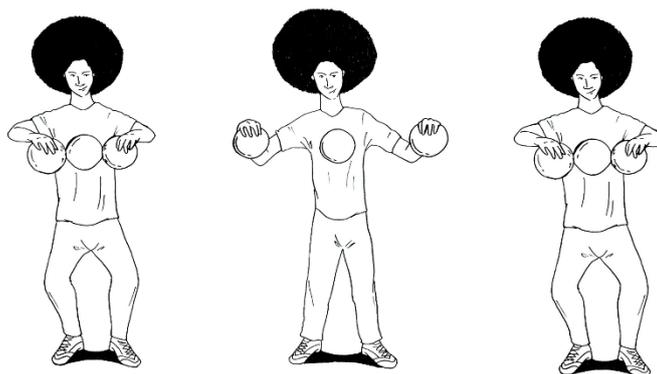
Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Possibilidade de manipulação e sequência pedagógica

Partindo das premissas apresentadas quanto as características gerais das caixas e de seus aspectos técnicos principais (orientação básica para o jogo, empunhadura e esquema corporal), propomos uma sequência pedagógica pautada principalmente na lógica da manipulação de uma, duas e três caixas, ampliando a demanda técnica e motora por meio de exercícios/truques de lançamentos, recepções e equilíbrios das caixas, e reforçando alguns pontos técnicos, aspectos de segurança e possibilidades lúdicas, ou seja, de liberdade de expressão, espontaneidade e capacidade criadora (GRILLO, SANTOS RODRIGUES, NAVARRO, 2018) .

Assim, abrimos essa sequência pedagógica sugerindo uma perspectiva diferente, ao invés de caixas, utilizaremos bolas. Ou seja, antes mesmo de passarmos às caixas, ou na impossibilidade de tê-las durante uma aula, é possível experimentarmos a lógica da modalidade fazendo uso de três bolas. Elas devem ser iguais, proporcionais ao tamanho das mãos e não muito cheias, e com elas, montamos o sistema base, como se fosse com as três caixas, segurando duas bolas com as mãos em formato de garra, pressionando uma terceira entre elas.

Figura 5 – Sistema realizado com três bolas



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

A partir dessa montagem, podemos lançar a bola do meio ou trocá-la de posição com as outras bolas da mesma forma que faríamos com as caixas, sempre buscando recepcioná-la utilizando-se das outras duas bolas. Nesse caso, as bolas são facilitadoras e mais seguras, pois ajudam a compreender a posição básica do jogo, a empunhadura e a pressão que deve ser mantida entre as três. Além disso, por serem completamente redondas, o giro que a bola lançada realiza sobre o próprio eixo não exerce influência significativa tanto durante o seu deslocamento como no momento de sua apreensão com as outras duas bolas.

Nesta iniciação com três bolas, é possível realizar diversos truques como lançar a bola central do sistema para uma outra pessoa que esteja com apenas uma bola em cada mão; lançá-la, quicar na cabeça ou no joelho e recepcioná-la, ou mesmo lançá-la, realizar um giro corporal e recepcioná-la.

Ainda com esses aparelhos, é possível criar e praticar jogos individuais ou em grupos e, nesse caso, nos referimos aqui ao jogo que se materializa por meio da brincadeira, da manifestação do brincar (CARNEIRO, 2012; FABIANI; SCAGLIA, 2018), e não propriamente o jogo de malabares como prática e domínio da técnica de manipular objetos como é expressado nos espetáculos circenses. Assim, tendo em vista que o termo jogo é polissêmico e rizomático, não está cristalizado e vai se alterando no tempo e na cultura, o compreendemos, dentre outras conceituações e conjuntos de atributos, como uma atividade, conforme aponta Huizinga (2014), voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, mediada por regras livremente consentidas e acompanhada de um sentimento de tensão e alegria. Isso posto, como uma sugestão de jogo a ser praticada com as três bolas, pode-se montar duas filas em que cada integrante tenha duas bolas, uma em cada mão. O objetivo de cada fila é fazer com que uma bola extra seja lançada de integrante para

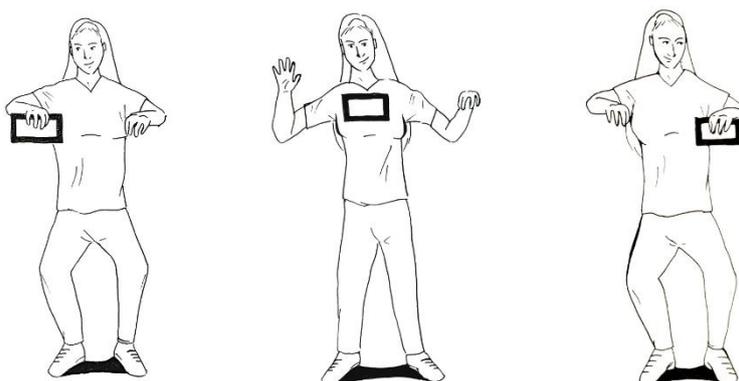
integrante até o último, que a lançará dentro de um cesto. A equipe que conseguir encestar o maior número de bolas vence.

A partir da compreensão da lógica do sistema de 3 caixas, sugerimos uma sequência pedagógica com uma, duas e, por fim, três caixas.

Uma caixa

Iniciamos sua manipulação segurando-a em forma de garra e realizado lançamentos para a mesma mão e de uma mão para a outra (BRAVOS, 2007). Recomendamos tanto lançar a caixa sem que ela gire como também com giros no mesmo plano ou planos/eixos diferenciados, mas sempre mantendo a empunhadura em garra e por cima da caixa. Pensando no sistema de 2 e 3 caixas, é importante nesta fase lembrar sempre de flexionar e estender os joelhos durante o lançamento e a recepção do aparelho, mantendo a caixa sempre orientada a frente do peitoral.

Figura 6 – Lançamento com uma caixa com ambas as mãos



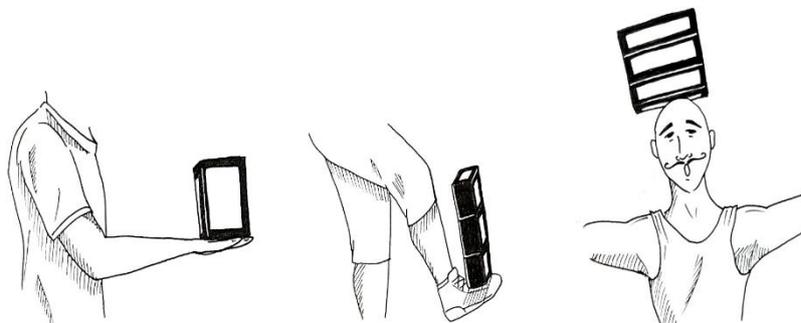
Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Tendo vivenciado os diferentes lançamentos e recepções, é possível manipulá-la de distintas formas. Pode-se lançar por baixo de uma das pernas, pelas costas ou por cima da cabeça e propor desafios para si ou para a turma com que se está trabalhando, como colocar uma das mãos na cintura, fazendo um arco com o braço, tentar lançar a caixa por entre o arco do braço, recepcionando-a com a mesma mão do lançamento.

Além disso, podemos desenvolver as possibilidades de equilíbrio do aparelho (BRAVOS, 2007; SÁNCHEZ, 2018) apoiando as três diferentes faces da caixa em distintas partes do corpo, explorando, assim, o fato de que esse aparelho tem como uma de suas potencialidades a possibilidade

de montar sistemas de várias caixas e equilibrá-los nas mãos, pés ou mesmo na cabeça (BACON, 1997).

Figura 7 – Diferentes tipos de equilíbrios



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Duas caixas

Dando continuidade ao processo pedagógico, podemos também executar lançamentos diversos com as duas caixas tanto para a mesma mão como trocando de mãos. Vale explorar ao máximo a possibilidade de criar múltiplos desafios, por exemplo: lançar as duas ao mesmo tempo para a mesma mão; lançar e fazer a caixa girar nos diferentes eixos; lançar uma caixa em um eixo e a outra, em outro; levantar o joelho na linha do quadril, pressionar uma das caixas na parte de fora do joelho criando um arco entre ombro e joelho e lançar a outra caixa por debaixo da perna e dentro do arco formado com o braço.

Após os lançamentos, trabalhamos com as caixas unidas e, nesse caso, devemos pressionar uma contra a outra para que fiquem bem juntas e formem um sistema unificado. Com elas unidas, soltamos uma das caixas e voltamos a agarrá-la, mas sem deixar que a mesma *desgrude* da outra, ou seja, é preciso forçar uma caixa contra a outra para que, no momento em que ela esteja livre, não se afaste da outra caixa ou mesmo caia no chão. Esse exercício deve ser feito tanto com a mão direita quanto com a esquerda, e na medida que o praticante for dominando-o é interessante que afaste o mais longe possível a mão da caixa.

Figura 8 – Liberação de uma das mãos durante o sistema com duas caixas



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Um jogo possível é o de, ao soltar uma das mãos, acenar para um colega ou mesmo colocar a mão na cabeça e voltar a agarrar as duas caixas unidas. Podemos também realizar um desafio coletivo: ao mesmo tempo duas pessoas executam o exercício, batendo as mãos uma contra a outra.

Ainda com duas caixas, é possível soltar as duas mãos do sistema deixando-o totalmente livre no ar, lembrando que as caixas devem permanecer sempre unidas até o momento de recepção do sistema. Durante esta ação, vale também realizar desafios, como: acenar, bater palmas na frente do corpo, atrás do corpo ou embaixo da uma perna. Outra variação interessante para este exercício é o de pegar o sistema com as mãos em diferentes posições. Por exemplo, uma mão pegando uma caixa por cima e outra por baixo, as duas mãos pegando o sistema por baixo ou mesmo com os braços cruzados, sendo que a mão esquerda agarra a caixa da direita e a mão direita agarra a caixa da esquerda.

Figura 9 – Liberação das duas mãos durante o lançamento do sistema com duas caixas

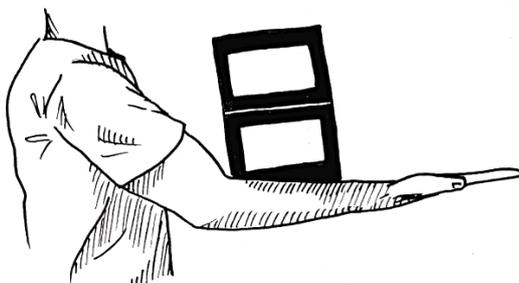


Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Trazendo mais elementos para esse jogo, vale realizar o lançamento do sistema de duas caixas entre duas pessoas. Nesse caso, estando uma de frente para outra, quem está com o sistema lança-o para o colega, que também pode recepcioná-lo de diferentes maneiras (por cima, por baixo, com as mãos invertidas etc).

Uma outra proposta é experimentar as possibilidades de equilíbrio, em que podemos segurar uma caixa na vertical e apoiar a outra sobre ela, nas diferentes faces, até chegar as duas caixas na posição vertical. A partir dessa posição, uma caixa equilibrada em cima da outra (ambas na vertical), podemos lançar a caixa de cima para a mão que está vazia ou mesmo lançá-la com meio giro e recuperá-la com a caixa de baixo. Nesse caso, é possível também executar desafios de apoiar o sistema de duas caixas na vertical em diferentes partes do corpo e mantê-lo em equilíbrio.

Figura 10 – Sistema de duas caixas na vertical equilibradas no antebraço



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

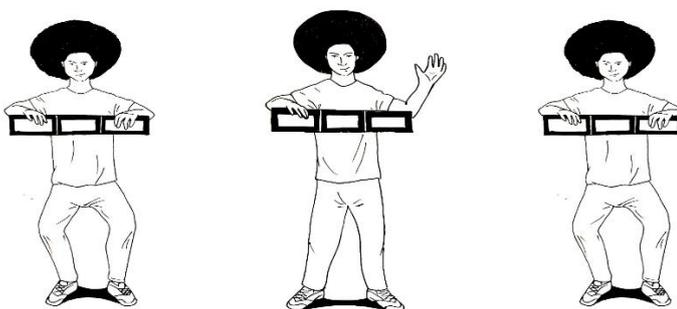
Vale reforçar que com duas caixas, sejam equilibradas na horizontal ou na vertical, com uma sobre a outra de diferentes formas, há a possibilidade de criar muitos jogos e desafios em duplas ou com vários participantes. Isso posto, lembre-se sempre de oferecer a possibilidade para que seus alunos proponham desafios, estimulando a criatividade e a possibilidade de expor suas ideias; esse ambiente afetivo e favorável para livre expressão e socialização fará com que seus alunos se sintam animados a criar, a experimentar e a trocar com o outro (FAVARI *et al.*, 2021).

Por fim, antes de avançar para o trabalho com o sistema de três caixas, sugerimos a experimentação de um sistema composto por duas caixas e uma bola, no qual a bola será pressionada por duas caixas de forma a simular o sistema de três caixas. Nesse caso, recomenda-se realizar a separação das caixas (deixando a bola isolada no centro), lançar a bola e alternar a posição das caixas nas laterais da bola, além de exercícios e desafios de manipulação desse sistema. Como exemplificado anteriormente, utilizamos a bola como um elemento facilitador.

Três caixas

Com o sistema de três caixas, a primeira ação recomendada é a de segurá-lo mantendo a pressão entre as caixas, deixando aquela que está em centro bem estabilizada. Destacamos que é de extrema importância sentir o quanto de pressão se faz necessária para manter o sistema estável, podendo variar os tipos de agarres e de posições da caixa (SANCHEZ *et al.*, 2018). Dominada essa compreensão básica das três caixas, vale, como realizado com as duas caixas, tentar soltar uma das mãos do sistema alternadamente. Durante esse exercício, não esquecer de sempre flexionar e estender os joelhos, mantendo um movimento ascendente e descendente do corpo.

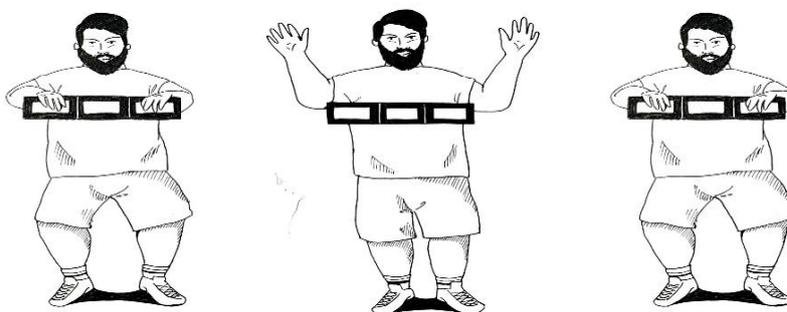
Figura 11 – Liberação de uma das mãos durante o sistema de 3 caixas



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Após entender esse princípio da pressão, podemos então soltar as duas mãos, abandonando completamente o sistema no ar, sem deixar que as caixas se separem, e recepcioná-lo novamente. Como no exercício anterior, a pressão exercida sobre as caixas e entre elas é fundamental para a manutenção da sua união e a realização da atividade com sucesso.

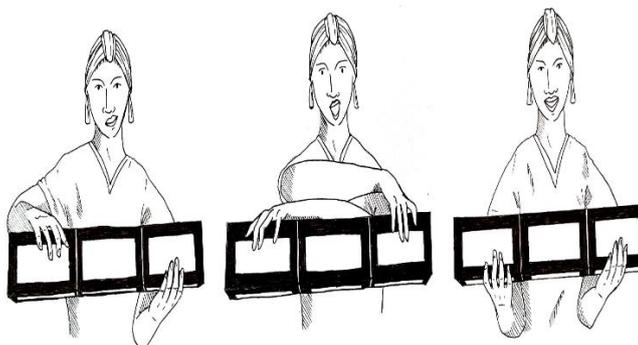
Figura 12 – Liberação das duas mãos durante o lançamento do sistema de 3 caixas



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Feita essas duas práticas, vale desafiar-se a tentar lançar e variar as maneiras de recepcionar (pegar) o sistema, ora com as mãos invertidas nas caixas (uma por cima e outra por baixo), ora com as mãos cruzadas ou mesmo por baixo dele. Nesse caso, vale explorar ao máximo todas as combinações possíveis de posicionamento das mãos tanto na hora de lançar como de receber o sistema.

Figura 13 – Diferentes tipos de trocas das mãos com o sistema de 3 caixas



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Buscando uma maior interação interpessoal e desafio coletivo, podemos fazê-la com duas ou mais pessoas, de forma que cada uma lança para a outra o sistema de três caixas unidas, que deve ser pego de formas diferentes. Uma opção de jogo é a de dividir a turma em duplas, sendo que cada uma deve inventar uma sequência de lançamento do sistema para o seu colega. Com esses lançamentos/recepções do sistema criados, uma dupla pode ensinar a outra sua sequência para, assim, irem ampliando o repertório de lançamentos/recepções diferenciados e formando uma composição criativa, utilizando a soma de *frases* para criar uma sequência coreográfica.

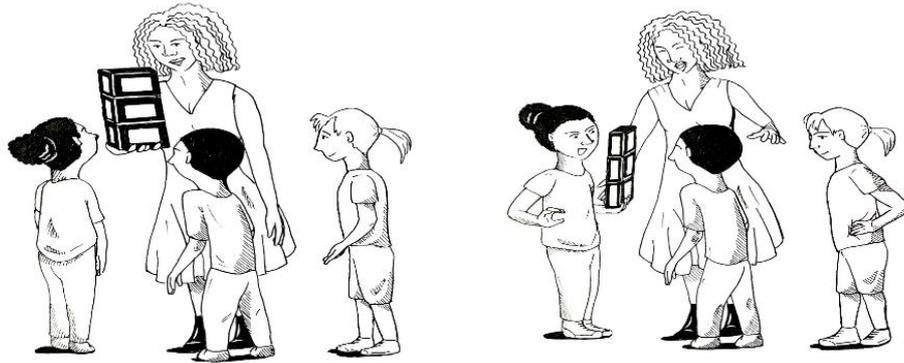
Vale lembrar que, dentro das infinitas opções de criação de jogos com essa modalidade, podemos também explorar o equilíbrio vertical de caixas, exatamente como fizemos com duas.

Según las posiciones de los objetos (horizontal, vertical, lateral, etc.) se pueden apilar cajas en sentido vertical para desarrollar el equilibrio. En forma progresiva se proponen los siguientes ejercicios, para un nivel básico: Equilibrios con un objeto en posición horizontal; Equilibrios con un objeto en posición vertical (SANCHEZ *et al.*, 2018, p.145).

Como exemplo de um jogo que o equilíbrio de três caixas possibilita, podemos organizar um grupo de pessoas em círculo, uma pessoa equilibra o seu sistema na vertical, deve-se passar o sistema de integrante a integrante, sem deixá-lo cair, até completarem a volta no círculo. Num segundo

momento, todos equilibram seu sistema, ao mesmo tempo, cada um deve passar seu próprio sistema para o colega do lado sem deixá-lo cair. Após conseguirem fazer girar os sistemas todos até concluir uma volta completa, vale realizar a atividade com músicas tocadas em diferentes andamentos para conferir mais ritmo e animação para atividade.

Figura 14 – Jogo de passar o equilíbrio das três caixas em círculo

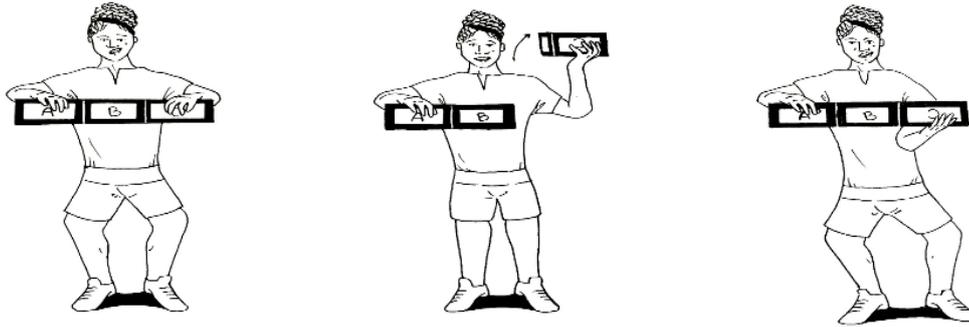


Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Variações do sistema de três caixas

Partindo da orientação básica, a partir do movimento do corpo na ascendente, podemos separar as caixas das extremidades, uma de cada vez, mantendo apenas duas em contato, e retornar à posição original. Uma variação que pode ser feita nesse momento é a de, ao separar a caixa da extremidade, girá-la em 180 graus, encaixando-a novamente ao sistema, de forma que a mão que segura essa caixa ficará, ao fim, virada para baixo. Assim feito, vale desfazer o giro, fazendo com que a mão fique novamente posicionada por cima do sistema.

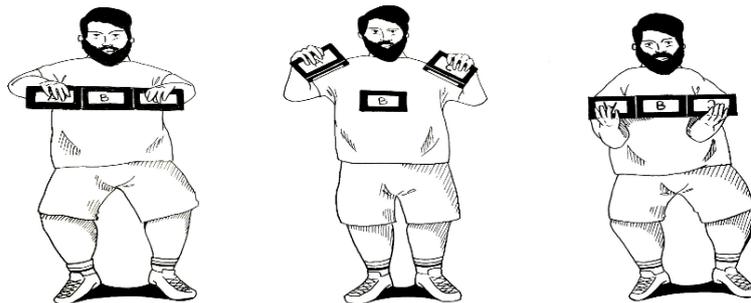
Figura 15 – Inversão em 180° da caixa da extremidade



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Dominando esse exercício, separe, na sequência, as caixas das extremidades simultaneamente, deixando livre no ar a caixa do meio. Aqui, vale também fazer o mesmo giro de 180 graus realizado anteriormente, mas agora simultaneamente com as duas caixas, de forma que ao retornar à união do sistema, as duas mãos ficaram viradas para baixo.

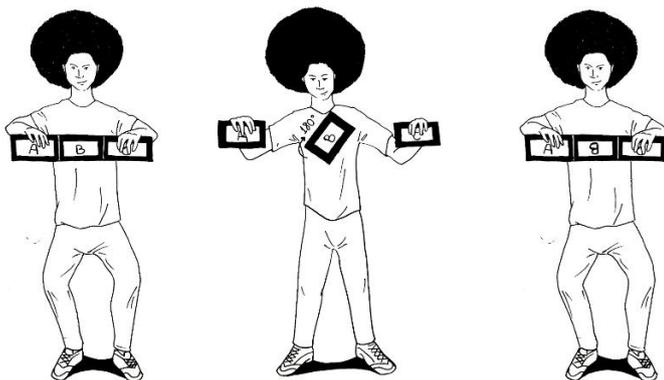
Figura 16 – Inversão em 180° de ambas as caixas das extremidades



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Outra variação possível, ao separar as caixas da extremidade, fazer com que a caixa do meio realize um giro de 180 graus no ar. Nesse caso, ao separar as caixas das pontas, deve-se fazer simultaneamente o movimento de rotação da caixa central.

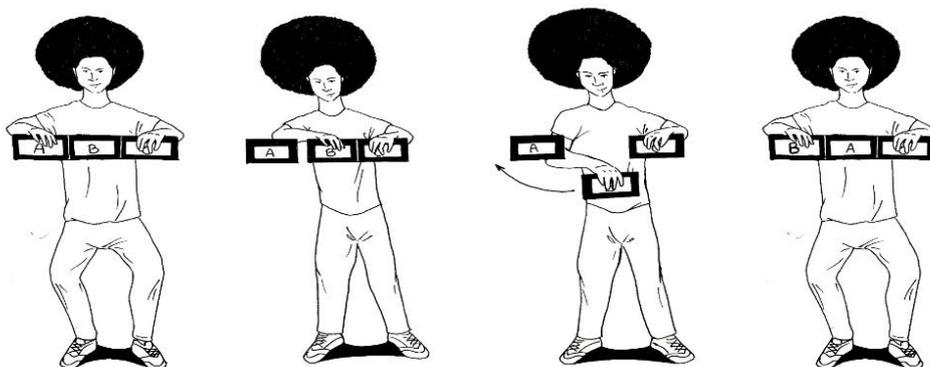
Figura 17 – Separação das caixas das extremidades com um giro de 180° da caixa do meio



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Por fim, ainda trabalhando com a separação das caixas, podemos realizar um exercício que consiste basicamente em *roubar* a caixa do centro do sistema e reposicioná-la em uma de suas extremidades. A sua execução ocorre da seguinte forma: durante o momento que estender os joelhos, solte, por exemplo, a mão da caixa da extremidade direita, agarre a caixa central, empurre-a para baixo (pode ser por cima também) e a repositone no lado direito do sistema. Durante esse movimento, a caixa que estava do lado direito *flutuará* por um instante no ar e ocupará (será prensada) na parte central do sistema.

Figura 18 - *Roubada* da caixa do meio feita com a mão direita



Fonte: Ilustrações exclusivas do artista Lucas William Moreira da Silva (lucaswmoreiras@gmail.com).

Estes exercícios apresentados, tanto com as três caixas unidas quanto separadas, já se configuram como truques básicos e servem de células para a criação de novos truques e variações. Assim, ao dominá-las, podemos somá-las umas às outras, modificá-las de distintas formas, inventar novos truques e encaixando possibilidades, criamos variadas sequências. Pensando nos aspectos pedagógicos e nas distintas possibilidades apresentadas, vale lembrar que para todos esses exercícios

propostos e suas variações devemos estimular que os alunos(as) os executem para os dois lados e com ambas as mãos e, além de explorem outros planos de lançamentos.

Considerações finais

Conforme exposto no presente trabalho, ao utilizarmos uma, duas ou três caixas, ampliou-se a possibilidade de criação de diferentes desafios. Além disso, ao proporcionarmos um ambiente afetivo e de interação, com a disponibilidade de muitas caixas (construídas de espuma, papelão ou EVA), notadamente os próprios alunos nos mostram infinitas possibilidades de criação de proposições criativas. É comum eles montarem complexos sistemas de equilíbrio com as caixas, como grandes *castelos*, geralmente até mesmo mais altos que eles mesmos, que sinalizam para a potencialidade desse aparelho de malabarismo para o estímulo da expressividade, criatividade, espontaneidade e para uma prática prazerosa. Nesse sentido, em função do malabarismo com caixas se tratar de uma prática artística, é recomendado, para além de uma experimentação mais voltada para a técnica, trabalhar atividades rítmicas e expressivas com as turmas, nas quais elas podem trazer uma música e criar diferentes formas de manipular as caixas em consonância com o ritmo e andamento da música, ou mesmo propor a elaboração de montagens de pequenas cenas, esquetes ou coreografias a partir dessa modalidade de malabares.

Assim, partindo dessa proposta de iniciação ao malabarismo com caixas, procuramos contribuir para lançar subsídios e fomentar essa prática entre educadores que se aventuram no ensino da arte circense e que buscam uma Educação Física mais próxima à educação artístico-estética. Com isso, acreditamos que essa modalidade possa compor um importante repertório para profissionais da Educação Física e das Artes e que este trabalho possa contribuir para ampliação e desenvolvimento das atividades circenses nessas áreas e também em diferentes espaços voltados para o ensino do circo, como projetos de Circo Social e escolas profissionalizantes.

Ademais, almejamos com essa contribuição pedagógica que a prática desse malabarismo torne-se ainda mais disseminada e acessível em nosso país, tendo em vista que é uma das modalidades menos exploradas no meio artístico circense e no campo educacional, de forma a promover uma constante valorização dos saberes e práticas circenses em âmbito nacional.

Referências

- BACON, Reginald. **The Juggler's Manual of Cigar Box Manipulation and Balance**. Newburypot, Massachusetts: Variety Arts Press, 1997.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Editora Fontoura, 2008.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (Org). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Editora Fontoura, 2010.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; DUPRAT, Rodrigo Mallet; TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto. As atividades circenses na FEF-Unicamp: a construção de uma nova área de estudos e pesquisa. In BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa Barragán; SILVA, Erminia. **Circo: Horizontes educativos**. Campinas: Autores Associados, pp. 225-257, 2016.
- BRAVO, Marcos Rodriguez, CARBALLO, Raúl Quintana; GONZÁLEZ, Óscar Lindell; ALBA, África Barrera; MORENO, Ángel Gómez. Aplicación de una progresión didáctica con malabares para la educación secundaria obligatoria. **Revista EFDeportes**, Buenos Aires, v. 12, n. 115, p. 01-12, jan. 2007. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd115/progresion-didactica-con-malabares.htm>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- CARNEIRO, Kleber Tüxen. O jogo na educação física escolar: as concepções atuais dos professores. São Paulo: Phorte, 2012.
- COMES, Montserrat; GARCÍA, Iván; MATEU, Mercé; POMAR, Luís. **Juegos Malabares**. Barcelona: INDE publicaciones, 2000.
- FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SCAGLIA, Alcides José. O inventário da cultura lúdica: os espaços, os materiais e os jogos desenvolvidos pelas crianças no horário livre. **Lúdicamente**, Buenos Aires, v. 7, n. 14, p. 1-22, out. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6633228>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- FAVARI, Kaique Bueno de Camargo; GODOY, Luís B; ZAIM-DE-MELO, Rogério; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. O malabarismo da prática à socialização: estimulando a potencialidade por meio do jogo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, p. 666 – 691, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37740>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- FOUCHET, Alain. **Las Artes del Circo: Una aventura pedagógica**. Buenos Aires: Editorial Stadium, 2006.
- GRILLO, Rogério de Melo; SANTOS RODRIGUES, Gilson; NAVARRO, Eloisa Rosotti. Cultura Lúdica: uma revisão conceitual à luz das ideias dos intelectuais dos estudos de jogo, cultura de jogo e cultura do lúdico. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.174-193, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/27838>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- INVERNÓ, Josep Curós. **Circo y Educación Física: otra forma de aprender**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003.
- LOPES, Daniel de Carvalho; PARMA, Márcio. **Construção de malabares: passo a passo**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física e atividades circenses: o estado da arte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 149-168, jun. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/22960>. Acesso em: 02 fev. 2022.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Las actividades circenses como contenido de la educación física. **Acción motriz**, Las Palmas de Gran Canaria, v. 11, n. 1, p. 13-30, jun. 2013. Disponível em: <https://www.accionmotriz.com/index.php/accionmotriz/article/view/62>. Acesso em: 02 fev. 2022.

ONTAÑÓN, Teresa Barragán; DUPRAT, Rodrigo Mallet; SERRA, Mercè Mateu; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O debate pedagógico sobre a arte do circo na revista *Éducation Physique et Sport* (1969-2015). **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 567-582, abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.56746>

ROCHA, Gilmar. Circo no Brasil: estado da arte. **BIB**, São Paulo, v. 1, n. 70, p. 51-70, dez. 2010. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/issue/view/78>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SÁNCHEZ, Álvaro Palominos; COLLAO, Daniela Díaz; PEÑA, Nicolás Jaña; DOÑAS, Alex Carreño; NAVARRO, Víctor Soto. **Pedagogía del malabarismo**: herramienta educativa que potencia el desarrollo integral. Santiago: Editorial Quatro Manos, 2018.

SANTOS, Richard. **Aspectos Fundamentais do malabarismo**. São Paulo: Ed. do autor, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no Século XIX. 2a ed. rev. Campinas: Autores Associados, 1998.

XAVIER JUNIOR, Jayme Feliz; MOURA, Diego Luz. Atividades circenses e educação física: uma análise das publicações entre 2012 e 2018. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 8, p. 112-124, mar. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2341>. Acesso em: 02 fev. 2022.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Lucas William Moreira da Silva - Marco Antonio Coelho Bortoleto - Grupo de Pesquisa em Circo – FEF – Unicamp - Cnpq

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Quando a imagem de terceiros no artigo, informar e anexar como documento suplementar o registro da autorização de uso. Foi obtido o consentimento escrito dos participantes. Usar “Não se aplica” quando: as imagens sejam de domínio público, do próprio autor no caso de imagens de prédios em locais públicos, paisagens, etc, exceto quando a pessoa aparecer na foto.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES - Não há conflitos de interesse.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Motrivivência - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins não comerciais e compartilhar com a mesma licença.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC . As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosario e Maria Vitória Duarte.

HISTÓRICO

Recebido em: 3 de maio de 2022.

Aprovado em: 14 de setembro de 2022.